

Boa Nova 04:01

sobre “O Batismo de Maxwell Alexandre”

Ao falar da própria história, um dos detalhes mais recorrentes que Maxwell conta é que, quando criança, queria ser super-herói. Não é nenhuma surpresa uma criança querer ser super-herói, mas para uma criança da favela isso ganha algumas camadas de significado, já que a maioria dos heróis são brancos e nenhum fala português ou vem da favela. Para as crianças de lá então isso representa uma fuga de um provável, e talvez inexorável destino de rendição às limitações históricas impostas aos que vivem nos guetos, de um emprego formal pra vida toda, ou de ‘virar estatística’. E se ser marginal fosse mesmo ser herói, - uma realidade e não só um manifesto - o dia-a-dia da favela seria tema de filme da Marvel.

No caso de Maxwell o desejo de se tornar herói vem dessa vontade de superar a média, de ter uma agência sobre-humana sobre sua existência, e de alguma forma se aproximar dos mitos, dos deuses, dos seres iluminados, poderosos, notórios. Nessa constante construção da sua narrativa, Maxwell é também um arquivista ávido de si mesmo criando e preservando o registro de seus próprios feitos, - vídeos, textos, fotos, artigos - desde a época de criança. Alterando e aperfeiçoando sua imagem, arquitetando uma arqueologia própria, em uma espécie de insurgência contra condicionamentos sociais e poderes que interferem na realidade: igrejas, religiões, corporações, forças militares, mídia, sociedade, política.

De certa forma desde muito cedo ele faz isso, cuidadosamente curando sua narrativa e sua identidade, buscando o espetáculo, a singularidade; parkour, capoeira, patins street, exército, Igreja. A arte é apenas o mais recente elemento-chave de sua ‘magnum opus’: a elaboração de uma mitologia de sua vida. Sob essa ótica as pinturas têm menor importância do que o fato de se estar pintando estar pintando- principalmente para um jovem negro da Rocinha.

O desenho e a pintura se mostraram veículos receptivos à essa pesquisa, onde Maxwell incorpora e processa o que está ao redor, em um fazer quase antropológico. As obras então, quem sabe, não devam ser vistas como trabalhos acabados ou auto-contidos, mas como partes de uma narrativa constante e ininterrupta que o artista constrói. É um processo de fé e autoconhecimento, onde pinturas são orações e seu ateliê, um templo.

Deste modo a relação de Maxwell com a sua prática artística é de pura irreverência, marcada por decisões que partem de seu instinto, indo além do virtuosismo da pintura, e trabalhando com o que lhe é apresentado e com o que está à disposição. A demanda constante de decisões técnica ou academicamente informadas é mais uma afirmação de privilégio, que desde a escola segrega os que vêm de meios menos favorecidos consciente desse fato, o artista abre mão desse pré-requisito para pintar. Se fosse esperar para o momento ideal, com a técnica ideal, materiais ideais e conhecimento ideal para fazer seu trabalho, talvez demorasse anos para começar a pintar ou mesmo nunca o fizesse.

Ao invés disso Maxwell se fundamenta numa característica típica da favela, a da urgência das coisas. O acaso, o descontrole, o foda-se, são partes da subsistência da favela onde mais importante do que algo exista em sua forma perfeita ou ideal, é que esse algo exista e ponto, da melhor, mas também da mais rápida maneira possível. As coisas tem que funcionar hoje, agora, afinal o atraso imposto pra quem é de lá vêm da fundação deste país, e ninguém tem tempo pra

esperar uma vida inteira para que as coisas sejam ideais. Esse é o cerne da cultura do improviso, da gambiarra e também, elemento marcante do trabalho de Maxwell.

Por outro lado a consciência dessa urgência foi também o que fez com que diminuísse em muito essa diferença de pontos de partida. Iniciou a faculdade zerado, com poucas noções de composição, materiais, filosofia, processos, campo, agentes ou instituições, mas foi capaz, através de trabalho incessante e obstinado, de se inteirar dos códigos e discussões correntes da arte e, mais especificamente da pintura contemporânea. Em um ano pintou o que poderia muito bem ter levado cinco anos de trabalho.

Sua obra, para além do assunto retratado e a qualidade de pintura, é sensor e resultado arqueológico em tempo real de cada embate e descoberta que o artista encontra em sua prática. As telas são o trabalho de um cartógrafo, um terreno onde todo poder está em suas mãos, e onde a disposição das cenas e o achatamento de tempos e perspectivas em um único espaço são ferramentas para reorganizar o mundo a sua volta, para tecer mapas poéticos alternativos a realidade.

Agora com o reconhecimento crescente, Maxwell recebe uma dose anabolizante de impulso ao seu trabalho e como ritual de passagem escolhe peregrinar da Rocinha até o local de seu batismo, performado dentro de seus termos e condições próprios, em uma encruzilhada, durante seu lançamento oficial como artista. A exposição é também uma narrativa estética dessa jornada, contando como se fosse um conto tudo que lhe transformou desde quando queria ser super-herói.

E esse texto por sinal não é senão mais um fóssil forjado para incrementar essa narrativa, um fragmento que constitui essa estória.

ANoiva!

por Raoni Azevedo

Good News 04:01

“The Baptism of Maxwell Alexandre”

When talking about his past one of the most recurrent details that Maxwell recounts is that as a child he wanted to be a superhero. It is no surprise that a child wants to be a superhero, but for a child in the favela, it gains some layers of meaning, since most of the heroes are white men and do not speak Portuguese or come from the favela. For these children, then, it represents an escape from the likely, and perhaps inexorable, fate of surrender to the historical constraints imposed on those living in ghettos, from a formal job for life, or from ‘turning into a statistic’. And if being marginal really was to be a hero, - a reality and not just a manifesto - the day to day life of the favela would be the theme of a Marvel movie.

In Maxwell’s case the desire to become a hero comes from this will to overcome the average, to have a superhuman agency over his existence, and to somehow get closer to myths, gods, enlightened, powerful and notorious beings. In a constant development of his narrative, Maxwell has always been an avid archivist of himself, constantly creating and preserving records of his own accomplishments through videos, texts, pictures, articles. Altering and perfecting his image, being the architect of his own archeology, in an insurgency against social conditioning and powers that interfere with reality: churches, religions, corporations, the military, media, society, politics.

In a certain way he has been doing this from a very early age, carefully curating his own narrative and his identity, seeking the spectacle, singularity; parkour, capoeira, rollerblading, the army, the church. Art is just the latest key element of his ‘magnum opus’: the elaboration of a mythology of his life. From this point of view the paintings are less important than the fact that he is painting - especially for a young black man from Rocinha.

Drawing and painting have become receptive vehicles for this research, where Maxwell incorporates and processes what is around him in an almost anthropological way. The pieces, therefore, may not be seen as finished or self-contained works, but as parts of a constant and continuous narrative that the artist constructs. It is a process of faith and self-awareness, where paintings are prayers and his studio, a temple.

In this way Maxwell’s attitude towards his artistic practice is of pure irreverence, marked by decisions that start from his instinct, going beyond the virtuosity of painting, and working with what is presented to him and with what is at his disposal. The constant demand for technically or academically informed decisions is another affirmation of privilege, which segregates those who come from less favoured backgrounds. Conscious of this fact the artist declines this prerequisite to painting. If you were to wait for the ideal moment, with the ideal technique, ideal materials and ideal knowledge to do your job it might take years to start painting or you might never do it.

Instead, Maxwell bases his work on a typical characteristic of the favela, that of the urgency of doing things. Chance, lack of control, fuck it, are part of the favela’s subsistence where it is more important that something actually exists, in the quickest way possible, than that it exists in a perfect or ideal form. Things have to function today, now, after all the delay imposed on those who are from the favela stems from the founding of this country, and no one has the time to wait a lifetime for things to be ideal. This is the crux of the culture of improvisation, gambiarra and also, a striking element of Maxwell’s work.

On the other hand, his awareness of this urgency was also what caused the great narrowing in this difference of starting points. He began his life at university with no knowledge of composition, materials, philosophy, processes, fields, agents or institutions, but he was able, through unceasing and obstinate work, to learn about the current codes and discussions of art, and more specifically contemporary painting. In one year he painted what might well have taken five years.

His pieces, in addition to the subject portrayed and the quality of painting, is a sensor and real-time archaeological result of each encounter and discovery that the artist finds in his practice. The paintings are the work of a cartographer, a terrain where all power is in his hands, and where the arrangement of scenes and the flattening of time and perspectives into a single space are tools to reorganize the world around him, to weave poetic maps that are an alternative to reality.

With increasing recognition Maxwell has received an anabolic boost to his practice and as a rite of passage has chosen to travel from Rocinha to the place of his baptism, performed on his own terms and conditions, at a crossroads, during his official launch as artist. The exhibition is also an aesthetic narrative of this journey, recounting everything that transformed him from when he wanted to be a superhero, as if it were a story.

This text, by the way, is nothing more than a fossil, forged to augment this narrative, a prop in that story.

ANoiva!

By Raoni Azevedo